

PRESENÇA

Nas 2.ª e 3.ª partes da sua Pastoral, os Bispos de Angola abordam o «Fenómeno Religioso» e a «Resposta dos Cristãos» à interpretação que dele se faz no Estado laico em que vivem. «Pretende-se criar a convicção de que a Religião é reflexo deturpado da realidade exterior, uma forma de consciência social propícia à manutenção de situações ultrapassadas, uma super-estrutura ideológica compreensível nas sociedades em evolução desde a escravatura até ao capitalismo e consequência do obscurantismo irresponsável das massas ainda afastadas da concepção científica da Natureza, da sociedade e do pensamento.»

A verdade é que «o fenómeno religioso é universal (...), conatural ao homem, preexistiu a todas as relações de produção e a todos os tipos de sociedade formulados e cronologizados pelo materialismo histórico; (...) reflecte-se em toda a realidade social, ligando o homem, por vínculo vital, com o Ser Sobrenatural». «A Religião não veio de encomenda para África; existiu sempre entre os Africanos.» Para estes, «um dos seus valores fundamentais é a sua crença em Deus».

É ilustrativo o acontecimento imprevisto num acto público, e inevitavelmente publicado, em que a Mãe de uma alta personalidade do Estado, eia-mesma bem representativa do Povo, interpelada por um agente da comunicação social, termina assim as suas declarações: «Mas não nos tirem Deus! Não nos tirem Deus!»

É por isso que «pretender acabar com a Religião equivale a querer mutilar o Africano e a impedir a sua total libertação, pois esta não se limita ao simples plano económico, político e social».

«Qual será a resposta a esta falsa concepção do fenómeno religioso e aos esforços de fazer prevalecer o ateísmo?» — perguntam os Bispos.

Para o Africano, «que tanto sofreu de imposições externas (...), é chegada a hora de estar livre de violências culturais, físicas e psicológicas, para se dar ao estudo e desenvolvimento dos seus próprios valores tão longamente ignorados e abafados». É nesta linha de expansão das suas virtudes próprias revigoradas pela Graça, que se há-de procurar a resposta: «com uma vivência de esperança e caridade, com uma integridade autêntica de vida cristã, com uma fé intrépida e constante».

Em oposição à «laicidade do Estado, entendida e posta em prática num sentido anti-religioso» — «como uma nova religião de sinal negativo» — «o crente, que vive inserido numa comunidade política, (...) deve procurar ter consciência dos seus direitos e assumir as suas responsabilidades cívicas para o Bem-comum, (...) sem abdicar da identidade própria; pelo contrário, pela sua fidelidade à vocação cristã, poderá e deverá iluminar e vitalizar com

Cont. na 3.ª pág.

AQUI, LISBOA!

Quêremos ser homens esperançosos. Por isso lutaremos. Acreditamos no facto histórico-religioso da Ressurreição e d'Ela pretendemos ser testemunhas, na conversão contínua e no empenhamento pessoal e colectivo. A vida deste mundo é mera passagem. Desejaríamos abominar a mentira, em nós e fora de nós, aderindo à Verdade nas suas exigências mais profundas. «Chorar os nossos pecados», nos recomendou Pai Américo.

Há mais de dez anos lançámos nestas colunas um programa de acção para melhor servir os Rapazes que tivessem necessidade de receber estendidas as nossas mãos fraternas. O tempo passou e, embora com atraso, no seu aspecto habitacional, está quase no fim. Graças a Deus, hoje, Dia da Ressurreição, foi inaugurada a penúltima casa para os Rapazes. A última sê-lo-á dentro em pouco.

Após a Missa da Comunidade, em cerimónia simples e íntima, entregámos aos Rapazes as instalações construídas para 28-30 pessoas, com tudo aquilo que qualquer ser humano deveria possuir. Ao fazê-lo não esquecemos aqueles que, por esse mundo, nada têm ou possuem muito pouco. É que, à medida que dotamos esta Casa do Gaiato de estruturas adequadas, mais lembramos os infelizes e escorraçados. Não

somos utópicos nem alienados, queremos apenas ser testemunhas vivas de Cristo.

No dia em que os servidores da Obra olvidassem o seu fundamento — e não esqueçamos que ela assenta ou tem por «pedra angular» o Nome d'Aquele cuja Ressurreição agora recordamos — todos estaríamos dispensados de acolher no coração como o temos feito, obreiros de fora e de dentro. Deus não há-de permitir tal e, por nossa parte, pobres e pecadores, tudo faremos, mesmo com o sacrifício da própria vida, para que tal não aconteça. Compreender os outros, aceitar as suas limitações e fraquezas, é uma exigência evangélica. Coragem, firmeza, autenticidade e amor à Verdade, também o são, porém. Seremos fiéis.

A todos os nossos Amigos convidamos para que venham até ao Tojal. Ver com olhos ajuda a perseverar na tarefa em que, obreiros de dentro e de fora, estamos empenhados.

Quinze minutos de um dia, assim se poderia intitular esta local. Foi há duas semanas. Chegados ao escritório, encontramos uma carta de um sacerdote das redondezas, expondo a situação de uma família, vivendo em precárias circunstâncias, pelo abandono

Cont. na 3.ª pág.



No coração d'África, em nossa Casa do Gaiato de Malanje, uma criança e um macaco brincam sem preconceitos.

FESTAS

«Cá em Casa ninguém tem parança» — ouvi eu dizer há pouco.

É o mundo dos preparativos para as Festas. Ele uma sala de costura improvisada e a senhora do Lar de Coimbra e a professora Maria Helena agarradas a máquinas e agulhas e um vai-vem de gente a tirar

medidas e a provar obra já alijavada.

Ele o professor Zé Domingos a fazer coisas de cartolina de muitas formas e feitios.

Ele o «Lita» com os mais velhinhos a desandar num mundo de trejeitos e os rapazes a queixarem-se dos músculos de pernas e braços.

Ele o Manuel António e o João com os mais pequenos que não param de cantar o dia inteiro.

Ele muitos que não foram chamados a espreitar com olhos cheios de namoro.

Eu vou indo ao telefone a

Cont. na 4.ª pág.

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

INSTRUMENTOS — Tivemos notícias que uma pessoa queria vender uma aparelhagem em segunda mão, por um preço barato! Fomos ver, mas recomendámos a avaliação do caso a um rapaz nosso, perito no assunto e chegámos à conclusão que a oferta não serviria.

Queremos uma aparelhagem em segunda mão mas em boas condições.

A vontade é muita, mas o dinheiro que temos ainda é pouco!

Continuam a chegar donativos dos nossos assinantes e de pessoas amigas: 200\$00 entregues na Casa do Gaiato de Lisboa. 50\$00 de Maria Olímpia Melo Fernandes, de Lisboa. Um anónimo de Lisboa com 80\$00. Mais 200\$00 entregues no nosso Lar do Porto. Mil escudos também entregues no Lar.

Mil escudos da assinante n.º 11292 de Lisboa e estas linhas: «Remeto estes 1.000\$00 para juntar aos que têm recebido para os instrumentos, mas é dado do fundo do coração.

Peço a Deus que possais continuar, por muitos e muitos anos, essa admirável Obra.»

Um obrigado a todos estes amigos e em especial a esta assinante de Lisboa pelas suas palavras amigas.

Oxalá todos despertem e enviem a sua pequena ajuda para que, o mais breve possível, possamos comprar os tão desejados instrumentos. Obrigados.

PÁSCOA — Vivemos mais uma Páscoa.

Na Semana Santa juntámo-nos na Capela para meditarmos e fazermos um exame de consciência a fim de nos tentarmos emendar das coisas que estragam a nossa vida quotidiana.

Na quinta-feira, após a celebração da Eucaristia, ceámos no nosso refeitório com os Pobres da Conferência, o que já é habitual neste dia.

Na sexta-feira trabalhámos só da parte de manhã para na segunda-feira de Páscoa ficarmos a dormir mais um pouco.

Domingo de Páscoa, o almoço foi às 12,30 h. A comida estava ótima e o pão-de-ló mais as amêndoas não ficaram atrás.

Os mais pequenitos andavam espavoridos e cheios de alegria. Um deles dizia: «Queres trocar as minhas amêndoas brancas pelas tuas pretas?»

Foi mais ou menos neste intuito que se passou a tarde dos pequenos. Por volta das 18 h. chegou o Com-passo.

Juntámo-nos, os que estávamos em Casa, e beijámos Cristo Ressuscitado.

Os acompanhantes traziam nos bolsos algumas amêndoas ofertadas e despejaram-nas em cima da mesa para serem distribuídas.

Um obrigado a todos!

FESTAS MIÚDAS — A festa que os mais novos levaram a efeito no

Natal, sofreu agora uma nova remodelação nas peças, visto que algumas só diziam respeito ao Natal e tornaram a andar em «tournée».

Visitámos as Cadeias Central de Paços de Ferreira, Custóias e Santa Cruz do Bispo.

Fomos bem acolhidos e as pessoas souberam fazer por esquecer as suas tristezas e conviveram connosco aqueles momentos de sã alegria.

Em Custóias, estávamos a meio do espectáculo e fez-se um momento de silêncio quando um senhor lá da prisão foi ao microfone com o mandato de soltura de um preso que acabava de cumprir a pena. Foi alegria geral no salão. Até nós bate-mos palmas!

Na segunda-feira depois da Páscoa fomos ao nosso Calvário onde fizemos também uma festinha para os nossos Doentes. Cantámos canções populares e todos batiam palmas. No final houve dança livre por parte de alguns Doentes que queriam dançar. Um pormenor importante: enquanto seguia a primeira peça cantada do programa, que era a canção do «rei que comia, comia», um dos Doentes viu o «rei» a comer uma sêmea e resolveu levantar-se do lugar para lhe pedir um bocado.

O resto correu mais ou menos. Podia ter sido melhor se o «Chinês» e o «Gágá» não tivessem desafinado.

«Marcelino»

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

PERSPECTIVA — «É já banal dizer que o momento é decisivo e é importante. Temos de uma vez para sempre nos convencer que a filosofia da acção da SSVP permite que as Conferências sejam numa comunidade uma obra dinâmica, aberta e catalizadora do espírito de partilha e entreajuda.

Temos que nos mentalizar que a actividade vicentina compreenda todas as formas de ajuda por meio de um contacto pessoal para alívio do sofrimento e promoção da dignidade e da integridade do homem e que quando os Princípios Fundamentais da Sociedade de S. Vicente de Paulo falam em «todas as formas de ajuda» não estão a restringir a acção vicentina à visita domiciliária.

Temos de repensar a nossa sêde de ajuda material em termos mais evangélicos — mais importante que esmola é a presença, a palavra, a descoberta das razões, a solução das causas que levam os homens a situações de desespero, de miséria e de afrontamento da sua dignidade e integridade; mais importante que dar dinheiro é darmo-nos; mais importante que recordarmos o modo como trabalhámos é alertar para as injustiças do presente; é fazer despertar nas pessoas a necessidade de reclamarem os seus próprios direitos; é ajudar a integração dos Marginais na Sociedade; é reclamar dos poderes constituídos a resolução dos problemas humanos e sociais existentes; mais importante que números grandiosos é a qualidade da acção e que

por isso na futura SSVP portuguesa é preferível que tenhamos um número mais reduzido de Conferências, que trabalhem bem, que muitas a trabalhar menos bem.»

O actual Regulamento da SSVP «é decisivo, pois poderá arrastar a actividade das Conferências para parâmetros desejáveis.

Mas tal só se conseguirá se todos o quisermos estudar, aprofundar e pôr em prática com todas as suas consequências.

E se pensarmos bem é isso, afinal que também os Bispos da Europa pediram na sua declaração sobre a Europa assinada na última solenidade de S. Pedro e S. Paulo quando referem que «para cooperarem numa melhor ordem mundial, os cristãos da Europa devem, primeiramente, colocar-se ao serviço do Próximo, particularmente na defesa do direito à vida, à verdade e à justiça, ao amor e à liberdade, não desistindo de trabalhar para que os homens deixem de ser manipulados ou sujeitos a outras dependências; pensando antes nos seus direitos, nas suas obrigações para com a comunidade, as quais reclamam dele um claro compromisso a favor duma ordem social mais justa, não só por palavras mas também por actos ao serviço do Próximo; recordando que o Evangelho exige que antes de mais emprestemos a nossa voz aos Irmãos que maior dificuldade têm em se fazer ouvir; sabendo ajudá-los sem ferir a sua dignidade humana.

E se as injustiças sociais têm que ser eliminadas, temos que estar prontos a partilhar com os Outros mais generosamente do que no passado.»

(in «Boletim Português da SSVP»)

PARTILHA — Como os leitores sabem que a vida dos Pobres, agora, é mais dura — exactamente por via da alta do custo de vida — reforçamos a sua presença. Aí temos a assinante 23967, do Porto, com 2.000\$00 e uma legenda: «Páscoa de 1978». A presença habitual da Rua das Amoreiras, Lisboa. Retribuímos as saudações amigas. Ainda de Lisboa, 100\$00 da assinante 17929 «para a Páscoa dos nossos Irmãos mais necessitados e que espera cheguem ainda a tempo». Chegaram, sim senhor! Um doente de Faro com 30\$00. E 250\$00 de um ouvires da rua Santo Ildefonso — Porto. Mais 100\$00, do Porto, «por alma de Albertina», depositados no Espelho da Moda, onde foram ainda entregues 1.000\$00 num discreto sobrescrito e 400\$00 de JS para diversos fins.

Informamos a nossa leitora da rua Cardoso Oliveira, de Lisboa, que a remessa chegou a tempo. Fermentões, 500\$00. Assinante 31751 com «o restante para o mais pobre dos Pobres»: 250\$00.

Mais 500\$00 de Oliveira do Douro e o habitual apontamento espiritual:

«Neste aproximar da Ressurreição do Senhor, peço uma oração ao Céu para que Deus nos dê aquela Graça que nos levará a ressuscitarmos para a verdadeira Vida, onde a morte não terá lugar e onde o nosso testemunho da Luz possa ser permanente.»

A Luz não se deve colocar debaixo do alqueire!

Rua Ferreira Borges, Coimbra, o

foliar que nunca falta! Agora, por intenção de «um irmão falecido há cerca de dois meses». Paz à sua alma.

Na igreja da Trindade, Porto, 500\$00. Mais 100\$00 do Porto, pela mão da assinante 8492. Mafra, 100\$00. Assinante 18223, 120\$00. Ovar, o mesmo. Assinante 26398 reparte com os Pobres por alma do seu marido.

Maria Antónia, de Lisboa, 100\$00. Quando enviar seja o que for, sublinhe o destino. Mais 100\$00 de Fernanda, d'algueres, «para ajudar a vossa campanha de suavizar a dor e a tristeza». O dobro da Maia com uma nota digna de registo: «Sou Pobre. Vivo da reforma. Mas é preciso fazer alguma coisa por aqueles não têm nada».

De Mangualde, uma Maria comparece com 300\$00 e lamenta um desejo que ainda não conseguiu realizar: mandar 100\$00 por mês. «A Mãe que cre em Deus» enfileira com 200\$00. Um vale do correio da rua Rodrigues Cabrilho, Lisboa, pedindo anonimato e «orações por alma dos meus queridos Pais». São votos que nos tocam a alma! O amor pais/filhos é argamassa da vida, do mundo. Quitéria, de Lisboa: recebemos, mas sublinhe sempre o destino — Conferência de Paço de Sousa. Mais 100\$00 do assinante 259, do Porto. Rua Pascoal de Melo, Lisboa, 300\$00 — «um pouco mais do que o costume, porque estamos quase na Páscoa». Assinante 9288 entregou na Casa do Tojal 300\$00. Anónima de Armamar, 500\$00 duma promessa. 100\$00 «por alma de Manuel e Gilberto». «Um portuense qualquer» 250\$00. E um recado para Extremoz: chegou e faz muito jeito.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Setúbal

Certo dia encontrei-me com uns Amigos que me começaram logo a fazer perguntas, e eu fui respondendo. A conversa durou cerca de 15 minutos. Quando estavam para se irem embora, um deles disse-me: «Domingo vou à tua casa». E eu respondi: «Vem, tenho muito gosto». Mas ainda acrescentei: «Não te esqueças (daquilo). Ele já sabia que quando cá viesse tinha que trazer um pacote de rebuçados. Porque os manos estão sempre atentos ao menor gesto do forasteiro. Este, ao abrir o pacote, começa logo a distribuí-los, até dizer: «Não há mais». E logo os manos se afastam cada um para seu lado para verem se ganharam pouco ou muito.

Às vezes, aos domingos, surgem visitas inesperadas, mas já os manos estão alerta, porque o Charrinho os terá avisado: — Aí vão eles direitinhos às suas presas.

Eu faço aqui um apelo aos visitantes, que a nossa porta está aberta e as nossas bocas estão prontas para responder, o nosso amor está nas nossas palavras, e a obediência está nas nossas acções.

Venham! Mas... não se esqueçam «daquilo».

Um abraço para vós.

Garrote

PÁSCOA-LIBERTAÇÃO

A vós, Jovens de todas as idades, eu queria dizer-vos..., eu queria que sentísseis..., eu queria contagiar-vos com a imensa alegria que trago, com a alegria que vivi unido em Cristo a 700 Jovens que mais que amigos foram irmãos. Eu queria transmitir-vos toda a minha felicidade que me leva nesta caminhada contínua de amor através deste imenso deserto cheio de contrariedades que é a vida. Eu queria sentir-vos, Jovens como eu, unidos num mesmo ideal de amor, de doação a todos os homens nossos irmãos.

Foram três dias. Será uma vida! Pertenci à família Jimna, tribo de Aser, que, com todas as tribos de Israel, caminhou unida a todos os Jovens de Portugal, a todos os Jovens do Mundo. Caminhámos e caminhámos no êxodo contínuo atravessando este imenso deserto, onde as contrariedades nos arrasam, onde os novos «ídolos» nos dominam e levam a adorá-los, onde dizemos, continuamente, não a Cristo que nos libertou do cativeiro do pecado. E porquê este não?... «Não», porque é mais fácil ignorar. Ignorar a miséria que nos estende a mão porque nos enoja. Ignorar os delinquentes porque não somos nós. Ignorar a injustiça porque não nos afecta. Ignorar a prostituição e a droga porque não temos problemas

desse, ou nos dão prazer e não estamos para nos incomodar se nos destroem ou não.

A indiferença e a passividade dominam-nos.

Jovem, liberta-te! Sou eu, jovem como tu, que peço ajudes os outros a libertarem-se.

Destruamos, hoje, todos os «bezorros de ouro» que fabricam para que nós adoremos.

Quero que a grandiosidade de um coração jovem saiba ser humilde e vença o orgulho que o corrói. Quero que a generosidade, que caracteriza a alma jovem, vença o egoísmo que a destrói. Quero que a força vença a fraqueza.

E depois..., se olharmos em frente, veremos que Cristo nos estende os braços, pois, como Ele, Jovem de há 2000 anos, vimos nos Outros a razão do nosso ser.

Páscoa Libertação!

Libertemo-nos dos cadeados e barreiras que impedem os nossos olhos de se unirem à alma actuando na coerência da nossa generosidade, na medida que nossos olhos vêem a fraqueza aumentar no mundo.

Para ti, Jovem, um abraço de muita amizade do

Lita

Fátima, 25/3/78



RETALHOS DE VIDA

O JOÃO

Sou natural de Almada onde nasci em 21 de Janeiro de 1960.

Vim para a Casa do Gaiato aos seis anos, porque minha mãe tinha falecido. Deixou-me a mim, um irmão e uma irmã. Os meus irmãos foram viver com umas pessoas amigas e eu com a minha avó, que não podia sustentar-me e aturar-me porque era doente. Eu aproveitava ela estar doente para ir para a vadiagem.

Umas pessoas amigas, conhecidas da minha avó, foram-me lá buscar e levaram-me para a Casa do Gaiato. Quando cheguei, comecei logo a aprender a varrer as ruas e outras coisas habituais de todos os pequenos que vêm para a nossa Casa.

Fiz o exame da quarta classe, a Telescola e andei a estudar de noite, mas o ambiente não me agradava e desisti. Depois comecei a trabalhar nas oficinas. Estou na tipografia como encadernador. E estou assim na Casa do Gaiato de Setúbal há 12 anos.

Termino estes meus simples retalhos de vida. Um abraço para os nossos amigos leitores.

João Manuel Cabral Ramos

As nossas Edições

A procura de obras da nossa Editorial mantém a mesma fulgurância! São pedidos de todos os lados. E os mais entusiasmados não resistem, inclusivé, a pedir a colecção completa dos nossos livros.

O que passa por nossas mãos, só por este meio restrito — não temos outro veículo de comunicação — esmaga o mais incrível! À primeira vista, toda a gama de correspondência parecerá uma repetição. Engano! Não há duas almas iguais.

Aí temos uma carta d'algures:

«Recebi o livro **DOCTRINA** que muito agradeço. Só agora respondo porque quis primeiro saborear esta admirável obra que é quase uma segunda Bíblia.

Obrigada. Obrigada pelos inefáveis momentos de recolhi-

mento e de meditação que me proporcionaram. Cada capítulo é um estímulo que nos anima e nos desperta a vontade de ser melhor.

Que Deus vos ajude e abençoe para poderem prosseguir a vossa tarefa sem desfalecimentos.»

Agora, Paço de Arcos:

«Como tenho encontrado em todos os vossos livros, sem excepção, grandes motivos de educação humana e cristã, queria oferecê-los aos meus filhos, ainda muito pequenos, mas virá um dia em que gostarão de ler e, com certeza, hão-de estimar os livros que a mãe lhes ofereceu e, por eles, estimarem a **Obra da Rua.**»

Carta de Baltar, com um cheque para liquidação de sete volumes, afirma em determinada altura: «Os sete volumes foram mais uma «bomba» que explodiu num Lar enchendo-o de emoção e alegria!»

Uma senhora do Porto considera o opúsculo sobre o «Calvário» como «um verdadeiro tesouro que me entrou em casa». E continua: «Apesar de gostar de todos quantos tenho lido, foi este, apesar de pequenino, que mais me marcou e de que maneira... profundamente. É extraordinário!»

A propósito: Estamos a preparar uma segunda edição, ampliada e actualizada, deste título, que, certamente, irá sensibilizar muitos leitores. Muitos! Ou não fosse o «Calvário» — na expressão de Pai Américo — «um nome tirado do Evangelho. O resumo de toda a economia da Redenção. (...) Fazem hoje falta no mundo estes nomes, estas ideias, estas obras humanas de sabor divino. Um lugar onde cada padecente leve, sim, mas não arraste a sua cruz dolorosa.

Aqui vai já a notícia em primeira mão!

Júlio Mendes

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

do pai de oito filhos pequenos. Acabada de ler a missiva em causa, eis que do Ministério dos Assuntos Sociais, uma se-

Presença

Cont. da 1.ª pág.

a luz da Fé as estruturas sociais e políticas». «E a Igreja tem o dever de pôr ao serviço dos cidadãos e diante da consciência dos homens públicos, critérios que julga indispensáveis para a realização duma política justa, fecunda e duradoura, para o pleno desenvolvimento das pessoas e das comunidades.»

Movido pelo primeiro Mandamento dado ao Homem, logo após a criação — «crescei, multiplicai-vos, enchei a Terra, dominai-a» — «para o crente a esperança escatológica não diminua em nada a importância das tarefas terrenas». Pelo contrário, «o Homem deve cooperar com o Criador no aperfeiçoamento da criação e imprimir, por sua vez, na Terra, o cunho espiritual que ele próprio recebeu. Deus, que dotou o Homem de inteligência, de imaginação e de sensibilidade, deu-lhe assim meio para, de certo modo, completar a Sua obra: seja artista ou artífice, empresário, operário ou camponês, todo o trabalhador é um criador.»

Padre Carlos

nhora, talvez assistente social, nos telefona no sentido de recebermos, até ao fim do ano, dois mocinhos, cujo pai pretende emigrar para a América. Entretanto, chegado o correio do dia, eis-nos a correspondência dum Pároco de Lisboa, solicitando a admissão de um menino de poucos anos. (Diga-se de passagem que nos regozijamos com as preocupações deste tipo e similares dos nossos Irmãos no Sacerdócio.) Nem de propósito, logo a seguir, surge-nos outro telefonema, da Misericórdia, pedindo por outra criança. Foram 15 a 20 minutos que marcaram o nosso dia.

Ao findar deste, porém, não nos faltou a presença de um Vicentino (e como gostamos de ver esta categoria de Pessoas!), a impetrar por um pequenito de 9 anos, a viver debaixo de viaduto, lá para o estádio do Benfica! Que dia!

Nós temos que calar muito do que vemos, vimos e apalpamos, dentro e fora da Casa. Aqui fica, porém, uma partilha amiga, até, para não esquecermos as nossas mútuas responsabilidades. Sim, porque as coisas não são como alguns, utópicos ou ignorantes, pretendem, infelizmente!

● O Jorge Deniz tem 12 anos e é, como o João Manuel,

do refeitório, aliás nem sempre cuidada. É um contestatário de primeira e, outro dia, pediu para lhe escrevermos à mãe, a dizer que «o senhor Padre lhe roubou um golo...» Fomos fiéis ao ditado! Como está sempre com protestos e coisas parecidas, nomeámos o nosso servente de mesa, o Zé de Góis, já aqui referido, como secretário para os assuntos do Jorge Ratão, como ele é conhecido. Hoje disse-nos que o seu nome nunca veio em O GAIATO, «que não estava certo», e coisas quejandas... Aqui lhe fazemos a vontade. Viva o Jorge Deniz!

● FESTA — Podemos anunciar com muita satisfação que já está marcada para o próximo dia 28 de Maio, pelas 11 horas da manhã, no Cinema Monumental, mais uma vez carinhosamente oferecido para actuação dos nossos Rapazes. A eles estão entregues, como de costume, a preparação, os ensaios e a realização do espectáculo. Iremos dando notícias, aguardando que, dentro de dias, os bilhetes sejam postos à venda nos locais do costume.

(Casa do Gaiato de Lisboa — S. Antão do Tojal — Loures — Telef. 2539019)

Padre Luiz

Setúbal

Era domingo. Eu tinha ido dar uma volta pela quinta. Ao regressar, encontro a frente da Casa cheia de automóveis e um autocarro. Era uma invasão de gente por aqui e por ali. O refeitório estava à pinha, ouvindo-se música e cantares.

Quis saber quem eram os «invasores» da paz e soube-o por um dos nossos mais velhos: — Foram os habitantes de Arrentela que deixaram a sua terra e vieram em romaria até nossa Casa para conviver conosco.

Gente de todas as idades e classes estiveram aqui, no desejo de um abraço bem fraterno.

Ao sol posto foram embora deixando-nos algo do que trouxeram. Bem hajam Arrentelenses, e que outros venham com seus pastores.

X X X

Chegaram mais três: o Ricardo, o Filipe e o Miguel. São todos irmãos.

Volta e meia, vejo um deles a chorar.

Pergunto o porquê e ouço a resposta: «Foi aquele gajo que me bateu.»

Ora eles trazem consigo uma escola da rua que os leva ao desacato com os outros.

Ainda não estão ambientados.

Noutro dia foi minha mulher que os correu pra casa, pois encontrou-os na aldeia de Algeruz.

Eles vieram da rua e a aventura e a vadiagem estão ainda neles.

O refeitório, a escola e o trabalho hão-de modificá-los. Os outros colegas serão os primeiros a mostrar-lhes o caminho da conquista.

Um deles já anda a ajudar o João Paulo nas limpezas, outro anda a pastar as ovelhas.

Que eles compreendem que a Obra é «deles, para eles e por eles».

Ernesto Pinto

AGORA

Passaram largos meses sobre a derradeira saída da **precissão**. Pensei que, ao regressar de África, viria encontrar muita correspondência para despacho e muitas presenças a engrossar o caudal que mo permitisse rápido e completo. Afinal P.e Horácio foi adiantando serviço, o que me aliviou bastante. Mas o caudal foi-se e nem as chuvas torrenciais deste Inverno o refizeram. De modo que, se não encontrei bicha formada, ela vai agora crescendo sem que veja maneira de a dissipar.

Verão, no decorrer do desfile, que as pessoas são quase sempre as mesmas: velhos conhecimentos que muito nos apraz reencontrar. Mas há todo um problema que continua e se agrava e nos não autoriza demissão. Quem tem filhos casadoiros sabe da dificuldade, por vezes desesperante, de arranjar casa. Quantos heróis, por esse País além, vão fazendo esforços para construir suas casinhas. É a sua ambição. E tão bela e digna e salutar esta ambição! Pois havemos de deixá-los sós? Havemos de responder: «arranjem-se», aos que

apelam para nós, fundados numa tradição tão fecunda como tem sido ao longo dos anos estes **Pequenos Auxílios** aos Auto-construtores?

Em 1977, com 781 contos, pudemos dar a mão a 152 Famílias que terminaram a sua casa. Que são hoje 781 contos? Que outro negócio pode ter sido mais lucrativo do que este enorme caldo de 152 Famílias remediadas com uma pedra tão pequenina como a quantia indicada?

Mas, ou os nossos leitores recuperam do esquecimento em que têm deixado esta importante coluna de O GAIATO, ou em 1978 não poderemos dar notícias semelhantes às, ainda assim animadoras, deste ano passado.

Vamos, pois, assistir bem conscientes e com renovado fervor à **precissão** de hoje. Vamos assistir... não! Vamos participar, vamos entrar nela! Atenção às palavrinhas-faisca com que alguns dos peregrinos sublinham a sua presença. Que elas sejam para todos, estímulo e explosão de uma fogueira que arda em labaredas vivas a chamar outros ao seu calor.

Dos Pessoais, sempre firmes: o da Caixa Têxtil do Porto com 3.516\$50, desde Agosto/77 a Janeiro/78, e este recado: «Embora alguns colegas ainda estejam a contribuir mensalmente com 1\$00, a maioria, felizmente, já há tempos tinha actualizado para um pouco mais o desconto; e só pela força do hábito se estava usando a expressão: produto de 1\$00 mensal. Bem gostaríamos que todos dessem mais... mas é o que se tem podido arranjar. E junto à importância, vai a amizade dos Funcionários da Caixa Têxtil.»

Pois fossem todos de todas as Caixas que há por aí fora, com o seu escudo mensal — e ainda se arrecadaria uma rendzinha bem boa para um melhor rendimento social!

Os da ex-Hidro-Eléctrica do Cávado, nos mesmos meses, juntaram 4.357\$70. Por aqui devem andar muitos esquecidos ou desistentes do voluntário **desconto**, que há tantos anos se propuseram e alguns têm mantido perseverantemente.

Agora são os de muitas vezes: Berta e Jorge, duas vezes 100\$. Três mil, 3.ª prestação para uma casa que «nós e a nossa filha Maria do Céu, desejamos oferecer». 84\$00 para uma telha do Lar Sagrada Família. Mil escudos da Casa Ouvi-me Senhor. Outra vez 3.000\$ em homenagem a Frederico de Carvalho, «um dos santos que conheci». 400\$ mais 500\$, as «gotinhas habituais para a Casa de S.ta Filomena». Maria Ana e Pedro com 500\$ por duas vezes. Igual quantia para a Casa de N. S.ª do Carmo. Seis presenças de 1.000\$ cada de M. M. A. L. Há quantos anos, Senhor! Mais no Montepio Geral, em Lisboa, duas vezes 2.000\$ para a Casa da Tia Lai e 200\$ de uma Maria Margarida e 500\$ do Ass. n.º 4223 e 100\$ do n.º 32616. No Tojal, 1.150\$, de Adelina e de algo que cafu na saca no peditório da Amadora. De «Cruz», 200\$ mais 500\$ para a Casa de meu Pai. E três vezes 500\$, à porta do Lar do Porto de J. P. R.

«Uma Portuense qualquer», 1.000\$, «pequena gota a juntar a outras que vão formando essa fonte de onde saem ajudas tão preciosas, e que nunca secará porque o Senhor vai tocando o coração dos Seus filhos». E de outra vez, outros 1.000\$ e: «este dinheiro foi retirado do meu subsídio de férias — e assim procuro dar graças ao Senhor por esta felicidade de ter emprego numa época em que tantos Irmãos sofrem carências sem conta por falta de trabalho».

De Vilar Formoso, 200\$. Mil da Maria Efigénia. Seiscentos de aqui da terra (É tão raro!). Mais 1.000\$ de Odeáxere e dez vezes mais de Diamantino.

Agora é Gondomar: «Os gritos dos Irmãos têm direito a resposta. Nós respondemos: Presente — 1.000\$00

Mais pró Calvário — 500\$00
Feliz Natal
Eu-e-ela».

De Lisboa, Ana com 2.000\$. Do Notariado da Câmara Municipal do Porto, 220\$. Outros mil de Maria Amélia, «importância que me foi oferecida por meu marido no Natal. Como possivelmente iria gastá-la em algo que talvez não me fosse absolutamente necessário, resolvi enviá-la para ajuda de meia dúzia de tijolos e sempre será mais útil».

Se a gente ouve por aí, tantas vezes, a palavra austeridade, o que há-de chamar a um gesto destes?!

E mais esta carta do Porto:

«É do produto do meu trabalho e de renúncias, que eu destino a importância de sete mil escudos para ajudar os mais pobres do que eu. Nunca fui rica, nem de ambições, nem de privilégios.

Criei uma dívida para com o Património dos Pobres, que será saldada quando e como Deus quiser.»

Quinhentos escudos de Lagoa. Trezentos de Maria de Fátima. Três mil escudos de «uma Professora de Lisboa».

Da África do Sul, esta mensagem:

«Envio 15 rands que minha filha me deu do seu primeiro ordenado. Confesso que pensei comprar um vestido para mim.

Mas não, antes quero mandá-los para a Casa do Gaiato para uma família de seis filhos que anda a construir uma casinha e que a mãe é doente, como fala O GAIATO de 3 de Dezembro. E peço desculpa de ser pouco, mas é do coração.»

Da Rua S.ta Catarina, 200\$. Mil da Rua Costa Cabral. De Fátima, Ana, com 500\$.

«Li o Património dos Pobres de 3 de Dezembro e tomei a resolução de remeter umas palhinhas para pôr no Presépio: 3.500\$. Dois mil de Nova Oeiras, sobras de contas com a nossa Editorial. Metade de um Amigo do Fundão que todos os meses aparece a propósito de qualquer coisa. Outro tanto, com parcelas iguais para outros destinos, de outro Amigo também de muitas vezes.

E fechamos com Viseu, uma Maria que nunca vimos mas bem conhecemos: «Envio onze mil escudos. É que entenderam dar-me um retroactivo por diuturnidades. Se eu pude passar sem eles até os receber, agora também posso». E logo pouco tempo passado: «Segue cheque de 1.000\$. Gosto de depositar todos os meses nesse vosso cofre, que é dos que sofrem e precisam. Para mim, é o que melhor rendimento me dá. Sei que vai acudir e render cem por um, como Cristo prometeu».

Padre Carlos

FESTAS

Cont. da 1.ª pág.

ultimar as últimas coisas com o exterior.

E uma multidão de Amigos que já vão contando os dias

que faltam para todos nos encontrarmos e fazermos grande festa. A Festa é feita por todos.

Padre Horácio

ZONA CENTRO

- 23 de Abril — Salão dos Bombeiros
MIRANDA DO CORVO
- 24 » » — Cine-Teatro Messias
MEALHADA
- 28 » » — Teatro José Lúcio da Silva
LEIRIA
- 29 » » — Casa do Povo de MIRA
- 1 » Maio — Teatro Avenida — COIMBRA
As 15,30 e 21,30 h.
- 8 » » — Teatro-Cine — COVILHÃ
- 9 » » — Cinema Gardunha — FUNDÃO
- 10 » » — Cine-Teatro Avenida
CASTELO BRANCO

ZONA NORTE

- 4 de Maio — COLISEU DO PORTO
Bilhetes à venda: Espelho da Moda,
R. Clérigos 54 e bilheteiras do Coliseu
Este ano não haverá «matinée»
- 5 » » — Teatro Aveirense — AVEIRO

ZONA SUL

- 28 de Maio — Monumental — LISBOÁ
às 11 h. da manhã

Partilhando

Já tínhamos recebido uma carta, com uma letra de primária, mal começada e mal acabada. Era a pedir ajuda para uma casa que construiu com o seu trabalho e sózinho e apenas recebia grátis alguns materiais que amigos davam. É Pobre, claro. Veio cá com um companheiro de luta, pedir pessoalmente o que a carta já pedia... «Apenas uma ajudinha...» Quis que fôssemos ver com os nossos olhos, a sua vida, anseios e pobreza. Fomos logo, com um empurrão do Júlio Mendes. Blocos sobrepostos com sofrimento e solidão. O interior vazio e por dividir. Do telhado, apenas as telhas da Esperança. A pressa de o cobrir, com medo de um temporal. A impaciência no olhar de homem socialmente esquecido. Nenhuma regalia. Apenas a força de suas mãos gretadas e rijas. Apenas o esforço pela sobrevivência...

Tem seis filhos, dos cinco aos doze anos. Só ele a trabalhar e oito a comer. Só ele

a construir e oito a pedir abrigo. Só ele a mexer-se e nós parados... Dormimos todos! Na miséria de uma cultura pobre!

Quando recebemos a carta, com pedido de ajuda, perguntámos ao Júlio Mendes: — Diga algo...

Resposta: — «Já não é o primeiro caso que aparece...! Façam como acharem melhor. Acho, porém, que esta gente não deveria sofrer...» Tal e qual. É assim mesmo. Casos assim exigem acção rápida. Não interessa mais nada. Ajude-se. Reparta-se...

Hoje mesmo as «telhas verdes» cairam para darem lugar às de cor de tijolo... Auxílio bem pequeno. E auxiliados ainda pelo preço mínimo de quem nos vendeu as telhas.

E tudo tão agradecido... Até quando, (tudo isto) este «tudo»? Perderemos a esperança?... Sim, se «tudo» for como dantes! «Acho, porém, que esta gente não deveria sofrer...»

Padre Moura



Gaiato

Director: Padre Carlos
Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — Telef. 95285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa